

[Corre, corre cabacinha 2]

→ **Classificação do Conto:**

- Classificado segundo o sistema internacional de Aarne-Thompson: *122 F (Marzolph)
Fuga dentro de uma Cabaça.
- Classificação: Paulo Correia (CEAO/ Universidade do Algarve) em Julho de 2007.

→ **Assunto:**

- Através da astúcia uma velhinha escapa a um lobo guloso.

→ **Palavras-chave:**

- Alentejo, amieiras, animal, bolo, casa, chorar, Évora, cabaça, casamento, carne, dente, filha, floresta, gorda, guloso, lobo, mora, rebolar, velhinha

→ **Região:**

- **Distrito:** Évora
- **Concelho:** Mora
- **Localidade:** Mora

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Maria Augusta
- **Data de nascimento:** 1932
- **Residência:** Mora

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri
- **Data de Recolha:** Junho de 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:02:49 minutos

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de Transcrição:** Novembro de 2007
- **Palavras:** 442

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de execução:** Março 2010
- **Palavras:** 434

[Corre, corre cabacinha (2)]

«Era uma vez uma, uma velhinha. Bem, coitadita, na' tinha mais ninguém, vivia sozinha no meio de uma floresta.

Mas, noutros tempos, tinha tido uma filha. A filha, entretanto, cresceu, fez-se mulher, fez-se uma senhora, foi pra Lisboa. Lá, arranjou um rapaz pa' namorar e tratou do casamento.

E a velhinha sempre lá a viver na floresta. Um belo dia, chega-lhe a filha à porta (um grande automóvel, tudo muito preparado) pa' convidar a mãe pò casamento. E diz-lhe a mãe:

– *Ó filha! Como é que tu queres que eu vá pò casamento, se eu vivo aqui no meio de uma floresta destas?! Atão(1), os lobos comem-me no caminho!*

[Filha:] – *Na' comem! Ó mãe na' tenhas medo, que os lobos na' te comem! Vá!*

Bem, assim foi. A velhota lá foi. Chega assim a um cerrozinho(2), aparece um lobo com os dentes arreganhados!

[Lobo:] – *Ai, velha! Que eu agora como-te!*

A velha, esperta, (as velhas são todas espertas) e diz-lhe pra ele:

– *Olha(3)! Olha lobo, vamos fazer aqui um contrato. Na' me comas, que eu agora vou ao casamento da minha filha. Como lá muita carne e muito bolo e venho de lá mais gorda! Atão, depois tu comes-me.*

[Lobo:] – *'Tá bem! – O lobo muito guloso. – 'Tá certo.*

Lá vai a velhinha. Ora, um grande casamento: comeu, bebeu, comeu, bebeu... Passa três dias naquela vida... A velha já não parecia a mesma! Nisto aproxima-se a hora de ela se ir embora e começa a chorar! Diz-lhe (uma), a filha:

– *Ó mãe, tu 'tás a chorar de quê?*

[Velhinha:] – *Ora filha... Atão eu combinei com o lobo, quando vinha pra cá, que vinha ao teu casamento e agora à volta, pra lá, é que ele me comia, que eu 'tava mais gorda! E agora ele 'tá lá.*

[Filha:] – *Olha, na' tenha medo! Na' há problema. Tome lá esta cabaça(4). Quando for lá quase a chegar, meta-se dentro da cabaça. Deixa que o lobo... Deixa... Você sabe o que é que há-de fazer!*

Tal e qual! Quando ia lá a chegar ao cerrozinho lá estava o lobo. A velhota [pensou:] – *Bem, é aqui que o lobo deve de estar. Lá se enrolou toda dentro da cabacinha, quietinha dentro da cabacinha, e lá vai a cabacinha a rebolar. Pára-a o lobo! Diz o lobo:*

– *Ó cabacinha! Tu não viste p'aí uma velhinha?!*

[Cabaça:] – *Eu na' vi cá nem velhinha, nem velhão! Rebola cabacinha, rebola cabação! Leva-me à minha casinha, leva-me ao meu casão! E tu lobo ficaste aí feito gulosão, que na' meteste o dentão!»*

E pronto. Assim o enganou!

Maria Augusta, 75 anos, Mora, (conc. Mora), Junho de 2007.

Glossário:

- (1) **Atão:** regionalismo de Portugal, de uso informal e coloquial que significa “então”.
- (2) **Cerrozinho:** pequena elevação de terreno montanhoso e desabrigado (menor que um monte).
- (3) **Olha:** Escuta! Ouve! Presta atenção!
- (4) **Cabaça:** espécie de abóbora normalmente com a forma do algarismo 8 que, depois de despojada das sementes e completamente seca, pode ser usado como vasilha para líquidos.

Para execução deste glossário consultaram-se os websites: <http://www.ciberduvidas.com>; <http://www.infopedia.pt>; <http://www.priberam.pt/> e os dicionários Silva, António Moraes. (1831). Dicionario da lingua portugueza. Tomo I, A-E. 4ª. Edição reformada e emendada. Lisboa: Na impressão regia. pp. 371 e Simões, de Guilherme Augusto. (2000). Dicionário de Expressões Populares Portuguesas. 2ª. Edição, Dicionários D. Quixote; 34. Lisboa: Publicações D. Quixote.